

A força dos militantes de Lula

por José Casado
do Rio

Eles foram as grandes estrelas da campanha eleitoral do Partido dos Trabalhadores, uma agremiação política que em pouco mais de uma década de existência se transformou numa das forças mais expressiva da esquerda brasileira.

Os militantes petistas, geralmente legítimos representantes da classe média, foram os que mais surpreenderam nesses oito meses de luta nas ruas pelo poder político central. Fizeram pelo seu partido e pelo seu candidato algo semelhante ao que, anos atrás, a militância do PMDB fez, nas praças contra o regime militar.

A massa petista desdobrou-se em esforços, e, agora, recebe uma compensação, provavelmente a maior que poderia desejar, neste primeiro "round" da eleição: viabilizou a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva, seu líder, colocando-se em condições

reais de favoritismo na disputa.

"Nunca um candidato à Presidência da República teve uma militância tão extraordinária", regozija-se Lula.

Ele viu brotar, por exemplo, seis mil mini-comitês eleitorais em todos os estados, nos últimos 10 meses, sem que o partido dispusesse de recursos para uma ofensiva publicitária à altura desse esforço de campanha.

Acostumado às amarguras de "caixa" típicas de um partido político pequeno, cuja história mal começou, e estigmatizado como um dos mais radicais, o PT está terminando essa fase mais longa da campanha com gastos próximos de NCz\$ 4 milhões basicamente sustentados pelos seus próprios militantes, em coletas das mais diversas.

Lula foi posto em praças públicas por onde jamais havia transitado. E, sempre, teve uma multidão para ouvi-lo — previamente mobilizada.

Cada comício do PT custa, em média, NCz\$ 30 mil. Mas financiamento direto do partido cobre apenas pouco mais da metade desses custos.

A receita é simples: cada militante petista costuma fazer ou comprar a sua própria bandeira.

As vezes, eles fazem Lula viver autênticos momentos de emoção, como aconteceu na sexta-feira, diante de uma gigantesca massa humana no Rio, ou como ocorreu, por exemplo, na noite da última quarta-feira, em Salvador, quando fazia seu último comício da região Nordeste.

Um grupo de petista viajou cerca de 800 quilômetros, de Ilhéus e Itabuna até a capital baiana, para entregar ao seu candidato, diante de uma grande massa humana, um cheque de NCz\$ 27.150,00, resultado de coleta que fizeram entre funcionários públicos da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC) órgão ligado

ao Ministério da Agricultura.

Foi um gesto simbólico, no momento em que Lula e seu partido amargam as agruras de investigações policiais sobre denúncias de suposta intermediação de dinheiro de uma multinacional (o grupo Bunge y Born) para o fundo eleitoral.

"Se eu for eleito, a vitória terá sido muito mais da militância do PT e dos outros partidos que formaram a "Frente Brasil Popular" do que um produto do meu esforço pessoal" — acha Lula.

Ele tem um pouco de razão. Começou a campanha com cerca de 20% da preferência do eleitorado, no final do ano passado, e a apenas quatro meses atrás havia despencado para modestos 5% índice similar aos que alcança, por exemplo, o candidato do PMDB, Ulysses Guimarães.

A diferença é que os militantes do PT não o abandonaram, agora estão nas ruas juntos e sorridentes.